

GINÁSTICAS: SAÚDE E LAZER X COMPETIÇÃO

Jacqueline Cristina Jesus Martins*

Resumo

O texto aqui apresentado relata a experiência realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tenente Alípio Andrada Serpa, localizada na cidade de São Paulo. Com uma prática apoiada no Projeto Político Pedagógico da escola e no Projeto Especial de Ação, a Educação Física se apresenta como um componente curricular que dialoga com os conhecimentos que permeiam as atividades dos alunos em outros espaços além do escolar. A experiência aconteceu no ano de 2012 e teve como objetivo principal colocar os alunos dos quartos anos em contato com a manifestação corporal ginástica. As atividades realizadas durante o projeto permitiram que os alunos ampliassem e aprofundassem os seus conhecimentos sobre essas práticas corporais.

Palavras-chave: Educação Física. Ginástica. Currículo Cultural

Durante o 1º semestre de 2012, na EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa, as aulas de Educação Física do Ciclo I abordaram as Ginásticas como tema de estudo. Fiz a opção pela manifestação da cultura corporal após as discussões sobre o Projeto Pedagógico da Escola (PP) e o Projeto Especial de Ação (PEA), que focaram os valores para as relações de convivência.

Optei pela escolha das modalidades ginásticas por alguns motivos, dentre eles, a possibilidade de trabalhar com as aulas algumas questões de convivência a partir das discussões sobre o corpo, pois já havia observado que muitas das discussões que ocorrem entre os alunos por vezes tinham início com provocações a respeito do corpo do colega: gordo, baixinho, magrelo etc. A partir desta observação, propus que tematizar uma modalidade que colocasse o corpo em estudo ajudasse a pensar em outras possibilidades de convivência. Outro ponto que considerei na escolha da prática corporal foi a possibilidade de realizar alguns estudos que nos ajudassem a compreender um evento que aconteceria mais à frente no ano, os Jogos Olímpicos de Londres, na qual estão inseridas diversas modalidades ginásticas.

Neste texto, relatarei um trabalho realizado com os quartos anos e, mais especificamente, com os estudantes do quarto ano C. O trabalho teve como objetivos: conhecer o próprio corpo através da realização das modalidades ginásticas; reconhecer as diferentes práticas de ginásticas veiculadas pelos meios de comunicação, identificando as características principais de cada uma dessas modalidades; criar novas possibilidades de se praticar as ginásticas de acordo com as características do grupo; identificar e valorizar as diferenças existentes entre as formas ginásticas, vinculando-as aos grupos de prática (étnicas, crianças, mulheres, homens, terceira idade etc.); e relacionar o conteúdo aprendido com os Jogos Olímpicos que acontecerão durante o ano. As diferenças entre as ginásticas para a saúde e lazer e as ginásticas de competição nortearam os estudos. Enquanto modalidades ginásticas para

* Especialista em Educação Física Escolar / Professora da Rede Estadual de São Paulo (E.E. Alcides da Costa Vidigal) e da Rede Municipal de São Paulo (EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa). E-mail: jacquelinemartins@uol.com.br

a saúde e lazer, estudamos os alongamentos, corridas e caminhada, hidroginástica, ginástica de academia (aeróbica e musculação) e a ioga, e a Ginástica Artística foi estudada como modalidade de competição.

Para iniciar o trabalho, conversei com os alunos sobre a temática que estudaríamos e realizamos uma atividade de reconhecimento das ginásticas através de imagens. Em um DVD, coloquei fotos das diversas modalidades ginásticas e discutimos sobre aquelas práticas, nomeando-as, demonstrando alguns movimentos, os objetivos de cada uma, quem pratica, os espaços necessário para a realização, entre outros tópicos. Notei que nem todos os alunos reconheciam as modalidades apresentadas. Algumas modalidades não foram reconhecidas por ninguém, como a Ginástica Laboral e a Ginástica Acrobática. Quando isso aconteceu eu expliquei o que era, como funcionava e quais os objetivos daquela prática.

Na aula seguinte, realizamos os movimentos relacionados às ginásticas que os alunos conheciam, dentre elas: polichinelo, flexão de braço, abdominal, estrela, espacate, alguns movimentos de alongamento, corrida no lugar e movimentos de massagem. Durante essa apresentação, todos nós realizávamos o movimento proposto e discutíamos a qual modalidade pertencia, se alguém praticava ou já havia praticado aquela modalidade ginástica e em quais espaços no bairro ocorre sua prática. Ao final da aula, listamos as modalidades ginásticas possíveis de serem realizadas na escola. Foram listadas: alongamento, corrida, caminhada, ioga, academia (musculação e aeróbica), hidroginástica, massagem e ginástica artística. A modalidade hidroginástica não poderia ser realizada na escola, porém eu havia me comprometido em tentar buscar um local para que pudéssemos praticá-la. Durante esta mesma aula, algumas falas dos alunos me chamaram a atenção, por exemplo: “Meu braço é pequeno, por isso não alcanço o pé”, “Meu osso é muito duro, e por isso não consigo

alongar direito!”, “A Julia é baixinha, por isso ela alcança os pés!”. Percebi que seria interessante fazer um trabalho que abordasse o conhecimento sobre o corpo a partir dessas falas, visto que algumas destas demonstravam que os alunos possuíam outras representações.

Na aula seguinte, pensando no que havíamos listado como práticas para estudarmos e nas questões iniciais dos alunos a respeito do nosso corpo, realizamos alguns exercícios de alongamento tentando relacionar o que estava sendo alongado na musculatura: eu solicitava aos alunos que mostrassem um exercício que alongasse uma determinada região do corpo e, quando ninguém conhecia, eu a apresentava.

Após os alongamentos, realizamos alguns exercícios que alterassem algumas funções do nosso corpo. Corridas, saltitos e polichinelos foram realizados com a intenção de provocar algumas alterações corporais nos alunos. Antes dos exercícios, verificamos como estava o nosso corpo com relação à temperatura corporal, batimentos cardíacos, cansaço e sede. Após a realização da atividade, verificamos novamente aqueles indicadores corporais e discutimos sobre essas mudanças que aconteceram. Foi interessante perceber como as questões corporais atraíram os alunos. “Nossa professora, por que ficamos vermelhos?”; “Quanto mais o meu coração bater mais cansado eu vou ficar?”. E as respostas geraram novas questões, que no meu entendimento contribuíram para o conhecimento do corpo, como o proposto no plano de ensino. Ao final da aula, os alunos preencheram um registro sobre essas alterações corporais.

A partir das questões realizadas sobre o corpo na primeira vivência, preparei um registro onde os alunos deveriam desenhar como achavam que era o seu corpo por dentro. Ao refletir sobre as ações pedagógicas realizadas, considerei a atividade bastante interessante, pois foram pertinentes as diversas possibilidades de representação do corpo apresentadas pelas crianças, as

questões levantadas por eles e o que eu percebi a respeito dos conhecimentos socializados. A partir desse registro, pude pensar nas próximas ações que eu realizaria durante o trabalho.

Após a observação dos desenhos, e ao discuti-los com os alunos, percebi que eles não haviam estudado o corpo humano. A partir de uma conversa com as professoras desse ano do ciclo, obtive informação do que seria abordado durante o ano. Como as questões ali já estavam postas, resolvi fazer um trabalho tematizando o nosso corpo por dentro.

Na aula seguinte, levei para a sala de aula atlas do corpo humano com diversos sistemas, o torso e o esqueleto humano. Durante essa aula, algumas piadinhas do tipo “olha a Vitória ali na frente!”, se referindo ao esqueleto. Ao demonstrar a gordura, um colega se referiu ao outro dizendo que ele estava cheio daquilo. Essas falas me fizeram lembrar que as questões de convivência propostas pela escola no início do ano precisavam ser retomadas, mas eu ainda não sabia como. Naquele momento, apenas dei um sermão e pedi que este comportamento não se repetisse. Ainda durante a aula, fui mostrando os órgãos e explicando as suas funções; discutimos sobre a função dos ossos no nosso corpo, que eles não esticam e dobram como o pensado inicialmente e tentando mostrar que as dificuldades que os alunos tiveram na primeira vivência estavam atreladas à ausência dessas práticas e não ao tamanho dos ossos.

Na aula seguinte, vivenciamos a corrida e a caminhada, apresentada por alguns alunos como uma prática que ajuda a emagrecer e que diversos familiares realizam, principalmente avós e mães. Na discussão realizada, falamos sobre porque essas atividades colaborarem no processo de emagrecimento e como podemos realizá-las de forma que elas contribuam para esse fim. Fiz uma breve explicação sobre os batimentos cardíacos e com um freqüencímetro mostrei a frequência

cardíaca (FC) de um aluno em repouso e durante o exercício da corrida. Como não havia material para todos, ensinei como poderíamos fazer a nossa medição utilizando apenas o relógio. A vivência foi muito interessante, pois, em geral, as crianças gostam de correr e o fazem em boa parte de seu tempo, mas esta corrida era diferente da que eles realizavam em suas brincadeiras. Era uma corrida onde deveriam correr sem parar durante 15 minutos (tempo combinado por nós, e, segundo os alunos, muito fácil), e por isso precisariam encontrar o ritmo certo que fizesse com que eles conseguissem ir até o final. Também combinamos que se não conseguissem continuar correndo, que continuassem caminhando. Apenas três alunos conseguiram correr todo o tempo proposto. Após a corrida, discutimos sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos, onde eles perceberam que sair correndo muito rápido atrapalhou a realização da prática. Na aula seguinte, novamente realizamos a corrida e a caminhada, mas fizemos um grupo que apenas caminhou e um grupo que apenas correu, e discutimos sobre para quais grupos cada uma das atividades era mais adequada, lembrando que o gosto pessoal também deveria ser levado em conta.

Observando nossa lista de práticas possíveis de serem realizadas na escola, procurei um local onde pudessemos vivenciar a hidroginástica. Pedimos autorização à direção e coordenação da escola, explicando a proposta da saída; com a autorização concedida, entrei em contato com o Centro de Educação Unificado (CEU) Uirapuru, que fica próximo à escola, expliquei o meu trabalho e perguntei sobre a possibilidade de utilizarmos a piscina para a prática. A solicitação foi aceita e agendada para meados de março. A capacidade era para 60 crianças. Fiquei feliz e muito preocupada ao mesmo tempo: sair com 60 crianças para uma atividade na piscina era muita responsabilidade, mas acreditei que seria importante para o trabalho.

Enquanto este dia não chegava, prosseguimos com as demais modalidades ginásticas que havíamos listado e partimos para as práticas da musculação. As vivências se basearam em exercícios de flexão de braço, abdominais, alguns exercícios localizados de membros inferiores que não precisavam de materiais e alguns exercícios com o *rubber band*¹, que utilizamos para trabalhar os membros superiores. A nossa vivência nos possibilitou realizar apenas exercícios sem a utilização de pesos, apenas o *rubber band* foi utilizado para aumentar a resistência durante os movimentos. Mesmo assim, as sensações das práticas foram bem próximas das vividas nas academias. Na aula seguinte, alguns alunos falaram que haviam ficado doloridos por conta da aula. Percebemos que as características dessas práticas são os exercícios de força que predominam nessa modalidade.

Lembrando das brincadeiras que os alunos haviam feito com os colegas durante a aula onde discutimos o corpo humano, aproveitei as aulas em que estudamos a musculação para mostrar algumas imagens e proporcionar algumas discussões. Ao apresentar as imagens de fisiculturistas, as expressões de susto, medo e muitas vezes de nojo surgiram nos rostos dos alunos. A partir daí promovemos uma discussão a respeito dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Você acha esse corpo bonito? Por quê? Por que todo mundo quer ter um determinado tipo de corpo? Por que outros modelos de corpos não são valorizados? E os corpos das modelos são bonitos? As mais diferentes opiniões estiveram presentes nas discussões, mas durante as falas dos alunos, percebi o quanto o discurso da saúde está presente. Ao debater as diferenças dos corpos, a alegação é que a obesidade faz mal à saúde, sendo essa a razão de evitá-la. Tentei apresentar que em outros momentos a sociedade já valorizou outros modelos de corpos, mas após a aula, ao refletir sobre esta questão, percebi que faltaram recursos visuais que demonstrassem isso.

Eu estava tentando contribuir com as questões de convivência a partir da desconstrução dos preconceitos sobre os corpos, porém notei que era pouco o que havíamos feito até agora. Passei então para as atividades de alongamento juntamente com as atividades de massagem, pois percebi que ao colocar os alunos em atividades onde eles tivessem que ajudar os colegas na realização das atividades e que tivessem que tocar no corpo do outro, seria mais fácil abordarmos as discussões sobre os corpos.

Para a aula de alongamento e relaxamento, assim eu a denominei para os alunos, tentei proporcionar um ambiente mais agradável, porém a realização das aulas no pátio tornava as práticas muito visíveis, o que atrapalhou muito, pois alunos não se sentiam muito à vontade, pois outros alunos passavam para ver o que estava acontecendo e muitas pessoas transitavam pelo local. Apesar das dificuldades, acredito que a vivência foi interessante. Com uma música instrumental, cada criança em seu colchonete, realizamos movimentos que não causassem tanta dor e desconforto. Exercícios de respiração, movimentos de articulação e automassagem foram algumas das práticas realizadas. Fiquei surpresa com o comportamento dos alunos. Achei que eles logo se cansariam e pediriam para fazermos outras atividades, mas não: ao final da aula muitos alunos afirmaram ter gostado da experiência. Aproveitei para apresentar, nesta aula, os termos utilizados nas práticas ginásticas como: afastar, estender, flexionar.

Como a aula de hidrogenástica se aproximava, eu queria iniciar uma aula com as práticas da ginástica aeróbica para que pudéssemos ir para a vivência da hidrogenástica já com alguns conhecimentos sobre aquela modalidade. Porém, ao chegar à sala, fui surpreendida pelos alunos querendo que fizéssemos novamente a aula de alongamento e relaxamento. Eu não havia me organizado para isso, mas ao perceber que seria um bom momento para discutir as questões de convivência,

refizemos a aulas, mas com algumas mudanças: ao invés de automassagem, propus a realização de massagens em duplas e depois em grupo. De início, algumas risadas, piadinhas e gracinhas, mas logo depois fiquei surpresa com a participação do grupo. Notei meninos e meninas juntos, percebi que eles estavam respeitando o corpo do colega, tentando não machucar nem fazer cócegas. Ao final da aula, aproveitei o momento para promover uma discussão sobre a convivência. O assunto girou entorno do toque no seu companheiro, do abraço, de um aperto de mão.

Como o previsto, a aula seguinte seria a vivência da hidroginástica, modalidade citada por alguns alunos, mas que nenhum havia praticado. Antes da saída conversei com os alunos sobre a modalidade, quais os objetivos de quem a pratica, demonstrei alguns movimentos e expliquei como deveríamos nos comportar dentro da piscina por questões de segurança. Os alunos estavam ansiosos e eu também. Durante o trajeto, muitos alunos me relataram que nunca tinham entrado em uma piscina, e isso me deixava cada vez mais preocupada, mas também me trazia um sentimento de satisfação, pois pelo menos estaríamos proporcionando aos alunos alguma experiência importante na sua vida. Tudo já havia dado certo até então, o dia estava ensolarado, a piscina pronta, os salva-vidas a postos e os alunos preparados. Olhei para eles e disse: “Podem entrar!”, e os sorrisos rolaram soltos e, devido ao medo, alguns choros também, mas nada que uma conversa e um auxílio do colega não ajudassem. Percebi neste momento que algumas crianças foram muito solidárias com as que estavam receosas. Seguraram nas mãos, andaram juntas pela piscina, deram incentivos. Não sei se foram frutos das nossas discussões sobre convivência, mas as atitudes foram agradáveis de se observar. Novamente demos as instruções a respeito da segurança dentro da água, e antes de iniciarmos a aula de hidroginástica, deixamos os alunos se familiarizarem e brincarem um pouco na piscina.

Após o conhecimento da piscina, já estava tudo pronto para a nossa aula. Som, “espaguete²” e um microfone para que eu pudesse dar a aula assim como realizada para as turmas de hidroginástica do CEU. Iniciamos com um alongamento e em seguida realizamos alguns exercícios aeróbicos como saltitos com movimentos de braços, corrida no lugar, saltos coordenando movimentos de pernas e braços. Logo em seguida realizamos exercícios com os “espaguetes”, utilizando a resistência da água para as atividades: empurrar, puxar, abaixar e levantar o material de forma que façam exercícios de força. A nossa vivência de hidroginástica durou por volta de 40 minutos, e ao final, os alunos disseram que estavam cansados, mas que havia sido muito legal. Ao final do passeio, algumas falas dos alunos foram satisfatórias: “Professora, foi o melhor dia da minha vida!”; “Ainda bem que a senhora me trouxe aqui, eu nunca tinha ido a uma piscina, eu adorei!”. Isso me mostrou o quanto o nosso trabalho pode ser importante na vida dos alunos, pois eu poderia simplesmente, como já fiz em outras vezes, falar para os alunos que, uma vez que não temos piscina, não nos é possível realizar essa prática e prosseguir com as aulas sem me preocupar em proporcionar aos alunos uma experiência diferente.

De volta à escola, a discussão sobre a aula de hidroginástica trouxe à tona o que eles sentiram durante a aula. Em meios aos sentimentos de alegria, prazer e satisfação, algumas falas também se remeteram ao cansaço – “Professora eu dormi o resto da tarde de tão cansada que eu fiquei no dia da piscina!”; “Eu percebi que o meu coração batia bem forte!”; “Professora, eu também percebi que aconteceu no nosso corpo as mesmas coisas de quando nós corremos aqui na aula, mas o bom de fazer na piscina é que não ficamos com calor e não suamos!”, “No dia seguinte eu fiquei todo dolorido!”. A partir dessas colocações fui explicando algumas diferenças entre realizar os exercícios dentro

e fora da água e que acontecem as mesmas coisas, porém não sentimos porque a água resfria o corpo e não sentimos o suor e o calor.

Como ainda faltavam algumas modalidades ginásticas para estudarmos, optei por avançarmos para a aula de ginástica aeróbica, e utilizei como modelo uma aula de *step*³. Para me ajudar nessa modalidade, pesquisei vídeos no *YouTube* que explicavam alguns passos básicos e a montagem de coreografias. Tentando proporcionar aos alunos uma vivência mais próxima do que é essa modalidade na academia e como não tínhamos *steps*, utilizamos os bambolês no chão para marcarmos os passos e construirmos a nossa coreografia.

Como a proposta dessa modalidade é construir uma coreografia durante a aula, realizamos a prática nesse modelo. A partir da experiência com a aeróbica, discutimos sobre as possibilidades da prática em outros locais. Percebemos que essa modalidade em geral acontece nas academias de ginásticas mediante pagamento. Uma aluna levantou a mão e disse que a sua avó participa de um grupo que faz ginástica gratuitamente na Liga das Senhoras Católicas (que fica no bairro em que a escola está localizada) e uma aluna lembrou que no CEU Uirapuru essas atividades eram gratuitas. Percebi que os alunos já conseguiam observar a presença dessas práticas no bairro.

Como o tema era as ginásticas de academia, propus realizarmos algumas aulas não apenas com uma das modalidades, mas como acontecem nas academias, e nas aulas seguintes propusemos aulas de aeróbica e alongamento, circuitos aeróbicos e de força, exercícios localizados e de relaxamento. Surpreendentemente, as realizações dessas aulas foram bem tranquilas, até pelo próprio modelo de aula, onde uma pessoa demonstra o movimento e os outros reproduzem. Apesar da facilidade de ministrar aulas como esta, percebi que faltava colocar os alunos numa posição de autoria, de produtores das práticas estudadas; porém, dentro destas

modalidades não consegui elaborar aulas com outros formatos. Acredito que seja pelo fato dos alunos não conhecerem e não participarem dessas práticas fora da escola. Dentro das nossas ginásticas para saúde e lazer, ainda faltava estudarmos a ioga.

Como não sou praticante de ioga, novamente recorri aos vídeos e livros para conhecer mais sobre a prática. Na verdade, o ioga por vezes não é classificado como uma ginástica, porém já havíamos incluído-a nos nossos estudos e por isso resolvi mantê-la, mas explicando essas questões os alunos.

Para iniciar o estudo da ioga, apresentei um vídeo com imagens da prática em diversos lugares. Pedi aos alunos que observassem os movimentos, as roupas, as músicas e os locais onde aconteciam. Um dos vídeos apresentava exercícios de respiração, outro uma prática com movimentos bem difíceis, outro com as posturas mais fáceis. Enquanto assistiam, os alunos iam expressando as suas impressões. “É muito difícil!”, “Precisa ter concentração!”, “Precisa ter alongamento e força!”, “Nós vamos ter que fazer esses movimentos aí? Igual a eles?!”. Logo na primeira prática, pedi aos alunos que tentassem reproduzir os movimentos vistos no vídeo, e muitos não se lembravam muito bem de como eram os movimentos. Eu havia preparado o material para as aulas com algumas posturas da ioga, que entreguei para os alunos. Eles experimentaram alguns movimentos e eu fui apresentando os nomes de algumas posturas realizadas.

Ainda com o auxílio das imagens, pedi aos alunos que formassem grupos e que montassem uma sequência de movimentos, assim como o que foi visto no vídeo, e que alguns movimentos poderiam ser criados por eles. Novamente as discussões sobre os custos e espaços de práticas dessa modalidade nortearam as nossas aulas. Tentamos em alguns momentos observar quais as principais características dessa prática corporal, e

a flexibilidade, força e equilíbrio foram citadas como itens fundamentais para a realização da ioga. Foi interessante observar que os alunos já conseguiam notar essas características das práticas.

Já encaminhando para o fim das discussões das ginásticas para a saúde e lazer, realizamos um registro com a tentativa de identificar as modalidades ginásticas e suas principais características e finalidades e o que levam as pessoas a praticar essas modalidades. Neste registro, além de falarmos sobre as questões estudadas, algumas perguntas se referiram a opiniões dos alunos a respeito das nossas aulas, com relação ao tratamento com os outros colegas, os gostos pessoais e as possibilidades de realizarmos as práticas juntos. As respostas foram as mais diversas, e em alguns casos percebi um avanço com relação às primeiras impressões que tive no início do trabalho, dentre elas a participação dos alunos em diferentes duplas e grupos, para além dos colegas que eles já estavam acostumados a trabalhar juntos. Também foram valorizadas as práticas que colocaram os alunos como autores das atividades, nas quais a criação dos alunos teve mérito.

Como o objetivo era comparar as possibilidades das ginásticas de competição com as ginásticas para a saúde e lazer, iniciei o estudo das ginásticas de competição e escolhemos a Ginástica Artística (GA). Um dos motivos dessa escolha foi a presença dessa prática nos Jogos Olímpicos que aconteceriam em agosto daquele ano.

Para iniciarmos o trabalho, apresentei um vídeo com imagens das provas de Ginástica Artística, onde os alunos reconheceram alguns movimentos. Expliquei o funcionamento da competição (individual e em grupo) e as provas masculinas e as provas femininas. Pedi que observassem os corpos dos atletas e fomentei a discussão: quem acha os corpos desses ginastas bonitos? Por quê? Novamente as opiniões foram diversas. Na sua maioria,

meninas e meninos gostavam dos corpos dos homens, e achavam os corpos das ginastas meninas feios. “Elas são muito fortes!”; “Elas não tem peito!”.

Nas aulas seguintes, realizamos os movimentos presentes na ginástica artística: cambalhotas para frente, cambalhota para trás, estrela, rodante, espacate, ponte, vela, y, parada de mãos (ou parada de dois apoios), parada de cabeça (ou parada de três apoios) e salto mortal (frente e trás). Como havíamos visto no vídeo, as apresentações da GA são feitas através das séries (sequencia de movimentos). Alguns alunos observaram que, pelos corpos que apresentam, os atletas devem realizar algumas daquelas ginásticas estudadas no início do trabalho como os alongamentos e musculação. Algumas falas dos alunos também exprimem alguns pensamentos que eles têm sobre a competição: “Um atleta da ginástica que vai para as Olimpíadas trabalha, ou só treina?” “Para vencer é preciso muita dedicação e esforço!”. E quando eu perguntava de onde eles tinham ouvido essas coisas, em muitos momentos eles se referiam a programas televisivos que apresentavam histórias de atletas.

Para aprofundar o conhecimento dos alunos sobre a ginástica artística, apresentei as posturas básicas da GA e alguns elementos de ligação entre os movimentos. Após as práticas, aproveitando uma questão de um aluno sobre a vida dos atletas, li para eles um texto retirado do jornal *O Estado de São Paulo* – “As piruetas de Jade”⁴ – que tratava do dia a dia da atleta.

Devido ao tempo disponível até o fim do semestre, avaliei que não seria possível estudarmos os aparelhos da ginástica artística e, portanto acabamos por investir nossos estudos um pouco mais sobre o aparelho solo, e já que estávamos estudando a GA com o foco na competição, aproveitei para explicar com um pouco mais de profundidade como funciona a competição de solo na GA – algumas regras, como o tempo de duração da apresentação, o espaço onde pode ser realizada, os

elementos obrigatórios, o cumprimento da série dentro da música (no caso das meninas), nota de partida e nota de execução, como se perde pontos etc. Como uma forma de apresentação das possibilidades de realização da GA, e que estariam presente na televisão durante as Olimpíadas, assistimos a um vídeo com a apresentação dos demais aparelhos masculinos e femininos onde expliquei brevemente cada um deles.

Diversas dinâmicas foram criadas para o estudo das séries do solo. Cada um criando a própria série: os alunos criando as séries para os demais colegas e a professora criando algumas séries para os grupos. Enfim, essa possibilidade de variações, no meu entender, ajudou a colocá-los um pouco mais na posição de produtores da prática estudada, o que eu havia identificado como um ponto negativo nas aulas nas quais abordamos as modalidades ginásticas para a saúde e lazer.

Como atividade final, realizamos entre aos quartos anos uma apresentação das séries dos alunos para os demais colegas. Nesse dia, preparamos as apresentações parecidas com o formato de competição, onde cada aluno entregava a sua série e deveria cumpri-la no tempo determinado, porém não utilizamos pontuação e nem premiação.

Ao finalizar o trabalho, percebi que conseguimos realizar as discussões propostas inicialmente sobre as diferentes possibilidades da realização das práticas ginásticas. Acredito que os alunos compreenderam as diferenças existentes entre as práticas competitivas e as práticas de lazer e saúde. Mesmo após o fim do trabalho, durante a realização dos Jogos Olímpicos, as falas de alguns dos alunos me surpreenderam. Alguns alunos me procuravam para fazer perguntas sobre a ginástica artística que estava passando na televisão. Questões como: “por que nas Olimpíadas eles não fazem a vela?”; “Professora, eu estava assistindo a ginástica artística e eu não consigo entender os nomes dos movimentos que a moça da televisão explica. É diferente do que você

ensinou!”. Essas falas reforçaram a minha ideia de que os estudos realizados nas nossas aulas contribuíram para o conhecimento dos alunos a respeito das práticas estudadas.

Revisitando as propostas do PEA e PP e fazendo uma avaliação final do projeto, percebi que o trabalho realizado contribuiu com a melhoria do convívio entre os alunos, isso não quer dizer que os problemas foram resolvidos, pois a convivência entre as pessoas é um tema muito amplo. Faço essa avaliação, pois proporcionei durante as aulas momentos de discussões que nos ajudaram a desconstruir a ideia de corpo ideal, o que ajudou os alunos a repensarem suas falas direcionadas aos colegas, porém penso que ainda há muito a ser feito. Também avalio positivamente a possibilidade de ter proporcionado a alguns alunos a oportunidade de realizar uma prática na piscina. Para alguns, foi uma vivência inesquecível. Outro ponto que considero positivo no trabalho está relacionado à valorização feita pelos alunos a respeito da produção das próprias práticas corporais, colocando-os como sujeitos produtores de cultura, isso nos mostra o quanto devemos caminhar nesse sentido, tentando romper com a ideia de práticas que os colocam apenas na posição de quem repete os movimentos. Finalizando, também coloco como ponto positivo a relação que os alunos conseguiram fazer com as atividades ginásticas que acontecem fora da escola, como a comparação dos movimentos realizados nos Jogos Olímpicos e os espaços das práticas das atividades ginásticas ao redor da escola.

GYMNASTICS: HEALTH AND LEISURE X COMPETITION

Abstract

The text presented here describes the experience carried out in the Municipal Primary School

Tenente Alípio Andrada Serpa which is located in the city of São Paulo. With a practice supported in the Political Pedagogical Project School and Special Action Project, Physical Education is presented as a curriculum component that dialogues with the knowledge that permeate the activities of students in other areas beyond the school. The experiment took place in 2012 and aimed to place students of the 4th year in contact with the gymnastics. The activities performed during the project allowed students broaden and deepen their knowledge of these gymnastics.

Keywords: Physical Education. Gymnastics. Cultural curriculum.

GIMNASIA: LA SALUD Y EL OCIO X COMPETICION

Resumen

El texto que sigue presenta la experiencia realizada en la Escola Municipal de Ensino Fundamental Tenente Alípio Andrada Serpa, que está ubicada en la ciudad de São Paulo. Con una práctica apoyada en el Proyecto Político Pedagógico de la escuela y en su Proyecto Especial de Acción, la Educación Física presentase como un componente del currículo que tiene interacción con los conocimientos en que se basan las actividades de los estudiantes fuera de la escuela. La experiencia se ha pasado en el año de 2012, y ha tenido como su objetivo principal poner los estudiantes en contacto con manifestaciones corporales gimnásticas. Las actividades realizadas durante el proyecto lograran conducirlos a ampliar y profundizar sus conocimientos acerca de esas prácticas corporales.

Palabras clave: Educação Física. Ginástica. Currículo Cultural.

NOTAS

- ¹ Faixas elásticas utilizadas para a prática de exercícios.
- ² Material para flutuação na água, muito utilizado nas aulas de natação e hidroginástica.
- ³ Aulas que utilizam um material substituindo um degrau para a realização das atividades aeróbicas.
- ⁴ Matéria publicada no dia 17/11/2007 no caderno Estadinho do Jornal O Estado de São Paulo.

Recebido em 15 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 13 de março de 2014.